

TÍTULO DO TRABALHO (letras maiúsculas, negrito, centralizado e regular, fonte TIMES NEW ROMAN tamanho 14. Deixar 1 linha em branco)

Pedro Paulo Souza Rios; André Ricardo Lucas Vieira; Alfrâncio Ferreira Dias

Universidade Federal de Sergipe - UFS. E-mail: peudesouza@yahoo.com.br

RESUMO: O presente estudo se propõe adentrar, por meio de narrativas (auto)biográficas, as histórias de vida de dois professores homossexuais, na tentativa de compreender as nuances dos processos formativos implicados na história de vida e formação dos mesmos. As narrativas foram gravadas entre junho e dezembro de 2016, por meio de encontros interpessoais. As narrativas aqui analisadas contribuíram para uma maior compreensão desse fenômeno nos espaços escolares ao tempo em que possibilitou aos professores um momento de reflexão e auto formação. Dessa maneira as narrativas se apresentou tanto para nós, quanto os professores João de Barro e Acauã numa outra experiência teórico-metodológica na relação de práticas educativas pautadas no respeito às diferenças.

Palavras-chave: Formação de professores; Narrativas; Homossexualidade

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As questões inerentes à sexualidade são tratadas comumente enquanto problemas que dizem respeito à esfera da moral, nesse caso a homossexualidade faz parte da categoria da i/moralidade, o não aceito, algo que destoa do normal. Nesse sentido, a homossexualidade, se configura enquanto desvio de caráter, uma vez que a lógica vigente é a heteronormatividade¹.

O presente estudo teve como objetivo analisar os excertos (auto)biográficos, a partir das narrativas de vida e formação de dois professores homossexuais, com o intuito de compreender como se dá o processo de construção das invisibilidades cotidianas, acerca do professor homossexual no espaço escolar .

Enquanto instrumento e procedimento de pesquisa, optamos pelas narrativas (auto)biográficas, por considerar que tal método encontra sentido e razão de ser, no fato que a história de vida de uma pessoa tende a desvelar elementos para além de simples acontecimentos, caracterizando-se como forma de absorção e análise dos contextos que constituem histórica e humanamente cada sujeito, uma vez que todas as narrações autobiográficas relatam um corte

¹ Heteronormatividade deve ser compreendida como a obsessão com a sexualidade normatizante heterossexual, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante e imoral. Coloca-se desta maneira, segundo Débora Britzman (1996), uma imagem de identidade sexual heterossexual como “normal” e “natural”.

horizontal ou vertical, uma práxis humana (FERRAROTTI, 2014). De acordo com Souza (2014, p. 42) “Narrativas (auto)biográficas configuram-se como corpus de pesquisa, visto que são recolhidas de forma oral e/ou escrita”.

No processo de construção das memórias (auto)biográfica dos professores utilizamos a entrevista narrativa, no período de junho a dezembro de 2016, onde procurou-se estabelecer encontros interpessoais, considerando as subjetividades de cada um dos professores.

GÊNERO, DIVERSIDADE SEXUAL, HOMOSSEXUALIDADE: TABUS CONTEMPORÂNEOS

O termo *com-temporaneu* é de origem latina, que significa viver na mesma época, particularmente a atual (HOUAISS, 2001). Assim, a contemporaneidade se configura enquanto momento atual. O advento da contemporaneidade trouxe em seu bojo uma pauta que pensávamos já ser algo superado. Lutas travadas a partir da década de 1960 do século passado e que pensávamos ser algo superado, tais como direito das mulheres, feminismo, direito à diversidade, etnia, liberdade sexual dentre outros, vem garantindo notoriedade na construção do conhecimento e dos direitos humanos.

Estudos em torno das questões da homossexualidade e, conseqüentemente, a desconstrução dos papéis sexuais do feminino e do masculino, vêm buscando repensar a representação e os discursos de identidade, que circulam no arcabouço do saber/poder presente nas reações sociais, de tal modo que possamos repensar, refletir e reconstruir o discurso da própria sexualidade, pautada meramente na concepção binária das relações.

Os mitos, contemporâneos, criados em torno da homossexualidade, acabam por estabelecer regras normativas que atribuem à heterossexualidade o *status* de sexualidade estável e natural, portanto “normal”, classificando de anormal toda e qualquer manifestação sexual ou de gênero fora dos padrões estabelecidos pela heteronormatividade, criando artifícios que inviabilizem o sujeito homossexual de vivenciar com plenitude sua cidadania. Scott (1986), Britzman (1996), Louro (1997) chamam atenção para o fato de que tanto a hetero quanto a homossexualidade são construções sociais e culturais, e, portanto não algo determinado meramente por fatores biológicos.

Louro (2007) sinaliza que a escola e os processos educativos são atravessados pelas relações de gênero, uma vez que os corpos que aí transitam são marcados pelos sexos masculino e feminino nas suas variadas expressões identitárias de gênero e sexualidade.

A fala do corpo e silêncio da escola

Compreendemos a escola, enquanto espaço de formação, um importante instrumento no enfrentamento de situações de preconceito e discriminação, contudo, mesmo com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's e as significativas transformações que estão acontecendo na sociedade e no campo educacional brasileiro observa-se que os currículos, tem dado pouca importância às questões relativas ao gênero e a diversidade sexual, reproduzindo lógicas perversas de opressão contra as identidades LGBT.

A escola munida de verdades, criadas por ela mesma e preocupada em dar conta do conteúdo dos diferentes componentes curriculares ignoram as vozes ensejadas nos corpos de meninos e meninas (SEFFNER, 2006). Silenciam as vozes escritas nos banheiros, pátios e corredores da escola.

Nos PCN's, a orientação sexual é entendida pelo viés informativo, o que está vinculado à visão de sexualidade que perpassa o documento. A sexualidade é concebida como um dado da natureza, portanto "algo inerente, necessário e fonte de prazer na vida" (BRASIL, 1998). É perceptível o destaque atribuído às diferenças entre meninos e meninas. Diferenças essas, consideradas como sendo social e culturalmente construídas, mas, em nenhum momento, elas são problematizadas, evidenciando meramente a oposição entre os gêneros em detrimento dos papéis atribuídos social e culturalmente a meninos e meninas.

Acreditando que a escola seja um reflexo ativo da sociedade, é pertinente nos indagarmos de que maneira ela lida com professores cuja orientação sexual é a homossexualidade? A invisibilidade seria o recurso mais eficaz?

PERCURSO METODOLÓGICO: TRILHAS DA CONSTRUÇÃO/FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DE PROFESSORES GAYS

Analisar as narrativas de vida de professores homossexuais, com o intuito de compreender as nuances dos processos formativos implicados na formação docente, tendo por pressupostos a narrativa (auto)biográfica, é o que propomos com esse estudo.

Para tanto, considera-se que o método e os procedimentos utilizados em uma pesquisa não podem ser vistos como escolhas ao acaso e fora do contexto, ao contrário, métodos e procedimentos

precisam necessariamente estar vinculados ao objeto de estudo em questão e à posição teórica do próprio pesquisador.

Em 2014 foi criado o Grupo de Estudo acerca das identidades de Gênero e Sexualidades - GENESESSertaneja, constituído por professores/as e estudantes da UNEB, Campus VII. Desde então venho mantendo contato com um grupo de aproximadamente dez professores homossexuais, com encontros frequentes assistemáticos, para refletirmos questões pertinentes à identidade sexual e profissional.

As narrativas foram gravadas entre junho a dezembro de 2016 no período de junho a dezembro de 2016. As conversas informais, mantidas até então, de certa maneira desenhava o tom de “deboche” e risos reflexivos acerca da própria história. Agora, diante de um gravador, numa conversa a dois, o sujeito que narra e o que ouve, outros contornos foram desenhados. De acordo com Souza (2008),

Tomar a escrita de si como um caminho para o conhecimento, numa perspectiva hermenêutica, não se reduz a uma tarefa técnica ou mecânica. O pensar em si, falar de si e escrever sobre si emergem em um contexto intelectual de valorização da subjetividade e das experiências privadas. Neste sentido, o conceito de “si mesmo” é, como todo conceito, uma proposta organizadora de determinado princípio de racionalidade (p. 44).

Cada lembrança, cada fala, era seguida de uma reflexão sem julgamentos, uma autoanálise após longos anos de afastamento do objeto agora em cena: homossexualidade, escola e formação. Dessa forma compreendemos que o ato de falar de si pode restaurar o sentimento de domínio de sua própria vida, da mesma forma que pode recuperar a integralidade de sua personalidade (Catani, at al. 1997), ao tempo em que se configura em fonte de conhecimento na formação de professores/as.

Nessa perspectiva, Souza (2006) afirma que o trabalho centrado na abordagem (auto)biográfica como uma prática de investigação/formação se justifica pela constante relação “dialética entre as dimensões prática e teórica, as quais são expressas através da meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos das experiências construídos pelos sujeitos” (p. 140).

Os sujeitos da pesquisa: arte de fazer-se

João de Barros tem 38 anos, é professor há onde anos. “Assim como o João de Barro, que agora sou eu, eu gosto dessa coisa do cuidado. Cuidar das pessoas, dos outros, acho que por isso que escolhi ser professor”. Licenciado em Pedagogia, tem especialização em Educação do Campo,

trabalha na rede pública municipal, em turmas de 4º e 5º anos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental I.

Acauã tem 41 anos, licenciado em Pedagogia, especialização em psicopedagogia, concursado há dez anos, é professor da rede pública municipal trabalhando com os componentes matemática e ciências nas turmas de 6º ao 9º anos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental II. Ao falar sobre ele disse: “Sempre me identifiquei com educação. Acho que ser professor é uma das profissões... como posso dizer? Assim... a gente tá sempre aprendendo algo novo, se descobrindo, mas também tem seu lado ruim, o desrespeito é um deles”.

SOU GAY, MAS NÃO SOU TRANSPARENTE: VIVÊNCIAS NA ESCOLA

Dentro da diversidade sexual, os grupos de gays, lésbicas, travestis e transexuais são vítimas de preconceitos e discriminações, devido à sua orientação sexual e/ou à identidade de gênero. A prática de homofobia na escola tem se configurado né um fator relevante na disseminação do preconceito e da violência verbal e física, conforme relata o Professor João de Barro:

Poderia contar várias histórias sobre violência no espaço escolar [...] a escola nega o sujeito homossexual o tempo todo, seja ele professor ou aluno e se for aluno é ainda pior, é tanta coisa que a gente não faz ideia. Mas... se for professor, aquele debochado, aquele que escancara mesmo é considerado o engraçado da escola, mas nunca é levado a sério [...]. Sua orientação, ou seja, o fato dele se relacionar com outra pessoa do mesmo sexo é invisibilizado e ele se torna o “viado” engraçado.

No excerto (auto)biográfico do professor João de Barro fica notório a negação de outra orientação sexual ou de gênero que fuja dos padrões normativos, pautados no modelo eurocêntrico. É curioso perceber que quando ele se refere à orientação sexual, tanto o aluno quanto o professor são classificados e portanto violentados na mesma proporção, dada a sua condição sexual, salvaguardando os privilégios assegurados aos professor, considerando o fato do mesmo está em posição elevado na organização hierárquica da escola.

De acordo com Louro (2001).

A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confina-los às “gozações” e as “insultos” dos recreios e dos jogos, fazendo com que desse modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados e ridículos (p. 68).

O preconceito relacionado à sexualidade e à orientação sexual na escola é assunto cuja abordagem é muito delicada, tanto pelo corpo discente, quanto pelo docente da escola, invisibilizando esse sujeitos, ao tempo em que torna as questões relacionadas a sexualidade, orientação sexual e gênero dentre outros um tabu.

Eu me percebi muito cedo. Desde criança, mas... enquanto homossexual. Eu não entendia o porquê eu sentia atração pelos meus colegas, mas hoje eu consigo compreender o que eu passei naquele momento. Eu tenho um irmão que é um ano e meio mais velho que eu, que também é homossexual, diferente de mim, ele nunca teve relação com mulher, então sempre assistir muito de perto todo preconceito que ele sofreu. Então assim, ele era uma criança de cabelinho liso grande e aí ele sofreu todos os preconceitos que eu não sofri, tanto quanto ele sofreu. E, é... assistir muito na escola ele apanhar de amigos, eu ajudar ele bater em outros e os meninos chamarem ele de viado. Juntar vários colegas nossos, andando atrás dele e apontando: ei viadinho, viadinho, viadinho, viadinho. E as professoras não faziam nada e ainda diziam que o culpado era ele [...] não lembro de uma aula sequer que esse assunto tenha sido abordado, na escola? Nenhuma que eu tenha lembrança (PROFESSOR ACAUÃ).

Ao narrar suas trajetórias de vida e formação o professor Acauã estabelece como ponto de partida sua relação com o irmão, que também é homossexual. Para Louro (2001), a escola é um dos espaços mais difíceis para os sujeitos assumirem sua condição homossexual, pois, segundo a concepção heteronormativa só pode existir um tipo de desejo sexual. Assim, “a escola nega e ignora a homossexualidade [...] O lugar do conhecimento mantém-se, em relação à sexualidade, como o lugar do desconhecimento e da ignorância” (LOURO, 2007, p.30).

Dessa maneira, narrar violentas atrocidades e silenciamentos desencadeados pela e na escola das quais seu irmão foi vítima o fez repensar num constante processo de reinvenção daquilo que ele mesmo seria ou viria a ser.

O que mais me chocou foi quando ele tinha treze anos treze anos e meio, ele assumiu para meus pais que era homossexual. E aí ele apanhou de minha mãe, apanhou de meu pai, meus irmãos mais velhos que na época moravam em Salvador, um deles ainda hoje mora, vieram de lá só pra bater nele. Então eram dois irmãos e os pais batendo nele ao mesmo tempo. Eram quatro pessoas, quatro adultos contra uma criança e eu, um ano e meio mais novo, assistindo tudo aquilo. E aí eu acredito que aquilo fez com que eu sabendo o porquê dele ter apanhado, a princípio, hoje eu tenho consciência de que na época eu achava que ele estava apanhando por ter perdido a virgindade, porque eu vi minhas irmãs mais velhas apanhando por isso. E é eu não tinha caído a ficha que ele estava apanhando por ser homossexual, mas por ele ter tido relação sexual. E assistir tudo isso e não queria pra mim. Assim... eu, a partir de então eu virei o exemplo da família. Sempre fiz tudo pra não apanhar, pra agradar aos pais, estudava muito. Era muito dedicado. Enfim, e eu percebo, hoje eu percebo que naquela época eu resolvi é... me reprimir. Eu já tinha consciência de que eu gostava

de meninos, mas também brincava e tinha relações com as meninas né, como toda criança (PROFESSOR ACAUÃ).

Sentir-se estranho, desambientado e sem ninguém a quem recorrer foi uma lição a ser aprendida às duras penas, uma vez que a escola acaba por legitimar os discursos autorizados e, portanto, na perspectiva heteronormativa culpando os sujeitos que não se enquadram no “jeito certo” de ser.

Na infância em relação a todas essas questões da orientação sexual meu pai e minha mãe, que na verdade são meus avós, porque foram eles que me criaram, eles eram bem rudes e concordavam demais com a professora, concordavam demais com as coisas que elas diziam e elas me repreendiam muito [...]. Assim... eu sinto que as professoras tentavam de todas as formas me transformar em outra pessoa e hoje nossos colegas fazem isso de alguma maneira. É como se a gente não tivesse vida sexual, namorado. É estranho isso! (PROFESSOR JOÃO DE BARRO).

Silenciar tem sido um artefato pedagógico cultivado por professores/as ao longo do tempo. Nas narrativas acima se constata que a escola tem cultivado e fomentado certo silenciamento em relação à homossexualidade, às pessoas homossexuais e aos seus modos de viver. Tal silenciamento acaba por ser produtor e reproduzidor de outras falas, modos de ver e de agir. Institucionalmente, evita-se falar de respeito à diversidade sexual e continua-se, obstinada e ostensivamente, a ensinar e a incentivar que se pense e se aja de maneira a reprimir, marginalizar e estigmatizar as pessoas consideradas homossexuais.

Contudo, as “lembranças e experiências vividas [...] quando exteriorizadas, representam um passado já re-elaborado nas asas de um tempo” (SOUZA, 2006, p. 17). Nessa perspectiva a memória é acionada, dando possibilidade de vivenciar experiências que forma extremamente significativa tanto no aspecto positivo quanto negativo, possibilitando, por exemplo, reencontrar pessoas que fizeram ou ainda fazem parte da nossa trajetória de vida. Refletir acerca do passado contribui de maneira significativa na compreensão do sujeito que se é hoje.

Narrando as experiências da infância os professores Acauã e João de Barro se reinventaram. “Sofrimento? Ainda os tenho, afinal sou gay! Não que sofrer seja de exclusividade de quem é gay, mas eu acredito que o sofrimento tem certa paixão por nós homossexuais” (ACAUÃ). Em relação ao sofrimento professor João de Barros relata: “Eu aprendi que temos que fazer do sofrimento uma escada pra gente subir bem alto e lá de cima refletir sobre quem éramos e quem somos. Eu sei que cresci, mesmo sabendo que a escola me ver, sabe que eu existo e finge que não me ver, afinal não sou transparente”.

Invisibilizar parece ter se tornado uma ferramenta pedagógica muito utilizada pela instituição escolar. Direção, professores/as e a comunidade escolar no geral ao se defrontar com um problema que ela não consegue ou não quer resolver, a exemplo das questões de gênero e orientação sexual, seja por falta de conhecimento ou por convicções fundamentalistas, tem recorrido com frequência à invisibilidade. É como se dissessem: ‘eu não vejo, portanto não existe’. Contudo, vale frisar que já é tarde demais para invisibilizar. O problema existe e é parte integrante e integralizador do cotidiano escolar, tal postura, seja da direção, do corpo docente, discente, dos/as colaboradores/as só agrava ainda mais instaurando território de insegurança e de desrespeito às diferenças.

Experiências vividas: a escola me (de)formou

Dentre os princípios que norteiam as práticas pedagógicas e o fazer educativo está a formação continuada e cidadã dos sujeitos (ARROYO, 2011). Nessa perspectiva, a escola deveria se constituir numa das instituições promotoras de espaços que favorecem contatos diretos com a concepção de respeito às diferenças, fomentando práticas que deem base à construção de uma sociedade mais justa e igualitária, pautado nos valores da equidade. Contudo, historicamente o que se tem percebido é que a escola tem caminhado em sentido contrário.

A escola de maneira precária ensina a gente a ler e escrever [...] as questões humanas, ou seja, aquilo que contribui na construção de nós mesmos enquanto ser humano, aprendemos longe dela. [...]. Se a gente pegar ao pegar da letra, considerando minha formação subjetiva, essas coisas de sexo, sexualidade, orientação... a escola mais me deformou, que formou! Até os Parâmetros fala sobre isso na perspectiva biológica ou DST e AIDS, como se sexualidade fosse só isso. E sabemos que não é... a escola sabe que não é e mesmo assim insistimos [...] Se dependesse da escola até hoje eu estava no armário. A universidade ajuda um pouco, mas não é lá essa cocada toda (PROFESSOR ACAUÃ).

Assim, compreendemos que o respeito às diferenças, sejam de sexo, gênero, etnia, geração, classe e religiosa dentre outras, se apresentam num dos fatores que podem contribuir para a construção da equidade almejada. “Penso que a escola, mesmo falando tanto em respeito, ainda não aprendeu a viver respeitosamente com às diferenças... digo isso porque a gente, mesmo sendo professor é apontado o tempo inteiro por ser gay... por ser “diferente” (PROFESSOR JOÃO DE BARRO).

As afirmações tanto do professor Acauã, quanto do professor João de Barro, acerca das experiências vividas, levantam questões que consideramos importantes na reflexão, elaboração e

sistematização de práticas pedagógicas equitativas, suscitando possibilidades concretas de reelaboração metodológicas pautadas na transdisciplinariedade, onde os conteúdos específicos de cada componente curricular, estejam intimamente ligados à construção dos sujeitos em processo de formação.

As narrativas dos professores evidenciam um fazer pedagógico que negligencia as identidades individuais dos sujeitos, em detrimento do conteúdo programático. “Eu escutei quando era estudante e ainda escuto de vários colegas professores, dizer que não vão atrapalhar a aula pra falar de besteiras [...]” (PROFESSOR JOÃO DE BARRO). Nesse mesmo sentido o professor Acauã narra que “Não foi nenhuma, nem duas vezes que eu escutei falar: ‘tá com frescurinha? Procura psicólogo’... aí eu me pergunto, será que é despreparo do colega ou é falta de sensibilidade enquanto profissional?”.

Nessa prática pedagógica a educação acaba por invisibilizar os corpos, os desejos e os sonhos daqueles/as que se mostram “diferentes”, seciando-os do direito de se constituírem a partir da sua individualidade em detrimento do coletivo, da norma que legitima um único jeito de construir o saber e se constituir enquanto gente.

De acordo com Louro (2001) discriminação e rejeição fazem parte do cotidiano escolar, elas transitam no chamado currículo oculto, nas reuniões de professores/as. Ela não consegue con-viver com e na diversidade.

A escola tem importante função no processo de conscientização, orientação e instrumentalização dos corpos da criança e do adolescente. A instituição escolar, ao classificar os sujeitos pela classe social, etnia e sexo, tem historicamente contribuído para reproduzir e hierarquizar as diferenças. Essa tradição deixa à margem aqueles que não estão em conformidade com a norma hegemônica e, desta forma, não contempla a inclusão da diversidade sexual, tão discutida e proposta na atualidade.

Professores diferentes: o espanto

Acreditamos que o respeito à diferença deve ser um dos princípios a reger as práticas educativas. Não a diferença que discrimina e invisibiliza. Diferença que acolhe e faz crescer, possibilitando efetiva e afetiva construção da equidade.

É perceptível um frisson inicial quando chega um professor “diferente” na escola. “[...] ainda lembro do dia que cheguei na minha primeira escola... professores, merendeiras, o guarda, os pais, todos achando a coisa mais estranha, me senti um ET” (PROFESSOR ACAUÃ). Nas ciências

humanas é comum falarmos do espanto necessário diante do novo (NÓVOA, 1992). Contudo, nos cabe indagar sobre qual é a novidade em termos professores/as e alunos/as gays dentro dos espaços escolares. Sobre isso o continua:

Interessante que todo mundo sempre soube que sou gay. Nunca escondi isso de ninguém [...]. A diferença é que agora estou num lugar de privilégios, afinal eu sou o professor e considerando minha posição procuro ter uma pedagogia diferenciada... deixa eu ser mais claro [...] em minhas práticas eu procuro sempre incluir aqueles alunos que de certa forma são diferenciados... não só por ser gay ou lésbica... a escola tem outras diferenças: negros, pobres, deficientes. É tanta diferença [...].

Já o professor João de Barro aponta que não teve problemas por parte dos estudantes: “Quando o assunto eu costumo dizer que o problema não é da parte do aluno, que atendem, respeitam e aceitam com mais tranquilidade [...] o problema é dos adultos, que muitas vezes são nossos próprios colegas, os professores”. Sobre isso Louro (2001) sinaliza que os estudantes em geral estão mais receptivos às mudanças que o corpo docente. Salientando que é imprescindível uma reinvenção da escola no sentido de colocar em pauta as questões pertinentes à vida dos sujeitos que por ela transita e se constituem.

Desta maneira, as discussões de temáticas referentes à diversidade sexual e aos direitos sexuais nas escolas necessitam do suporte de políticas públicas na área da educação e de mobilizações sociais que objetivem desestabilizar a produção de hierarquias, opressões e padrões heteronormativos, que histórica e culturalmente moldam as relações de gênero.

(IN)CONCLUSÃO

A reflexão em torno das questões relacionadas à sexualidade, identidade de gênero, orientação sexual no atual contexto ainda é considerada um tabu nos espaços escolares e nas práticas pedagógicas. Em função da importância que essa temática adquiriu na nossa sociedade, nesse trabalho, buscamos ver e entender como a sexualidade tem sido tratada no ambiente escolar, considerando que a percebemos como uma construção histórica e cultural.

A homossexualidade existe desde a antiguidade. Isso significa que os relatos e escritos permite construir um olhar aberto em torno da diversidade que existia e que era permissivo sem maldades e desconforto por parte de quem desejasse assumir essa identidade, a exemplo de Iolaos na Grécia.

Nesse sentido, as narrativas (auto)biográficas contribuíram para uma maior compreensão desse fenômeno nos espaços escolares ao tempo em que possibilitou aos professores um momento de reflexão e auto formação. “Falar sobre mim mesmo, sabendo que isso pode se tornar conhecimento, me leva a refletir sobre minha formação e me dou conta que nada foi em vão” (ACAUÃ).

Compreendemos assim, que as narrativas (auto)biográficas, enquanto perspectiva epistemológica se constitui num instrumento rico de auto formação, uma vez que o ambiente escolar deve constituir-se em um espaço e em uma educação menos desigual, mais humanizadora e que potencialize as habilidades humanas, até mesmo no modo de ver que há diferenças, mas reconhecer nelas e, através delas, as qualidades, vislumbres, edificações e dimensões que nos fazem grandes seres humanos.

Conhecer aspectos do percurso da vida pessoal e profissional construído pelos professor João de Barro e Acauã, foi uma experiência singular, mesmo considerando o fato de conhecê-los. A narrativa se apresentou tanto pra nós, quanto para os professores uma possibilidade de formação a partir das suas próprias vivências, possibilitando pensar acerca de novas perspectivas teórico-metodológicas, considerando as experiências epistemológicas de formação de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. G. Currículo, Território em Disputa. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05/10/1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MECSEF, 1998.

BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada Amor – Identidade homossexual: educação e currículo. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, v.21. p.71-96, jan/jun. 1996.

CATANI, Denice Barbara (Org.). Docência, memória e gênero. Estudos sobre a formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Cultrix-MEC, 1973.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. O método (auto)biográfico e a formação. EDUFRRN, Natal, 2014, p. 29 -55

FRANCO, N. A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. 2009. 239f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e pesquisa qualitativa. IN: DENZIN, Norman K.; LICOLN, Yvonna S. et al. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2007. P. . IN:

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro. Objetiva, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

_____. Heteronormatividade e Homofobia. Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2003.

_____. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2007.

MOTT, Luiz. Homossexualidade: mitos e verdades. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13–33.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1986.

SFFENER, F. (Org.). Qual história? Qual ensino? Qual cidadania? São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2006.

SOUSA, Eliseu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Revista Educação em Questão, Natal, v.25, n. 11, p. 22 – 39, jan./abr., 2006.

_____. (Auto)biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. Ano 2, Volume 4 – p. 37-50 – jul-dez de 2008. Revista Fórum Identidades.

_____. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política do sentido. Volume 39. N. 1 – p. 39-50 – jan/abril 2014.

VRISSIMTZIS, Nikos A. Pederastia. In: _____. Amor, Sexo & Casamento na Grécia Antiga. São Paulo: Odisseus, 2002.